This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 466898

869.8
P399
1882

RIMAS

2ª EDIÇÃO

João Penha

RIMAS

TIRAGEM ESPECIAL

12 exemplares numerados em papel Whatman

JOÃO PENHA

RIMAS

VINHO E FEL
VIOLÃO NOCTURNO—ONOFRE
LYRA DE PANGLOSS

LISBOA
18, Rua Oriental do Passeio
1882

Direitos reservados

LISBOA — IMPRENSA NACIONAL

VINHO E FEL

I

Um rosto encantador, quasi moreno,
De uns grandes olhos verdes animado;
Negro o cabello, em tranças ennastrado;
Correcto o supercilio, iris sereno;

Vermelho o labio, sorridente e ameno;
Breve a cintura; o collo, assetinado;
Um donaire, das outras invejado;
Magras as mãos; o pé, leve e pequeno:

Eis a dama por quem chorando anhélo!
Rival das graças do cinzel iónio,
Mas fria como a neve: o meu flagello!

Eis a minha Natercia, o cruel demonio
Por quem vivo perdido, mas tão bello
Que nem lhe resistira Santo Antonio!

II

«Oh deus fatal, que lá dos céus profundos,
Escravo das razões da theologia,
Eternamente escutas a harmonia
Dos orbes, no infinito vagabundos;

«Se nos vês n'este globo adorabundos,
Escuta a voz do amor e da poesia:
Dá-me um sol de esmeralda, e em troca, um dia,
Eu juro dar-te, em vez de um só, dois mundos;

«Que seja o mais formoso e resplendente
Da vastidão cerúlea; exige-o aquella
Que, mais que a ti, adóro, irreverente!»

—«*Fiat!*—(em bom latim, mirando a bella,
Me disse absorto o Padre Omnipotente)—
Se me dás em penhor... os olhos d'ella.»

III

—

Quando ha pouco, entre sarças escondido,
Te vi sair das aguas murmurantes,
Póstas as mãos nas pômas palpitantes,
Sôlto ao vento o cabello humedecido;

E jocunda, teu corpo enlanguecido
Reclinaste nas relvas ondeantes,
Dando-me assim aos olhos coruscante
Uma estatua de marmore polido;

Não tive, como a santa Biblia conta,
As idéas dos lúbricos juizes
Vendo a nua Suzanna, que se affronta.

Desejei-me nos barbaros paizes
Dos cannibaes, e tive a idéa tonta
Do selvagem voraz; não te horrorises!

IV

—

Mal póde phantasiar-te a mente accesa
Tão gentil como quando, venturoso,
Te vi a vez primeira, ébrio de gôso,
Extatico de pasmo e de surpreza.

Que prodigio de esplendida belleza!
Que labios, que sorrir, que olhar piedoso!
Que opulento cabello... um mar undoso
Onde esconderas a gentil nudeza!

Assentada n'um banco de verdura,
Junto á margem do múrmuro Mondêgo,
De um Correggio vencêras a pintura.

Ai! perdi, desde então, paz e socêgo:
Se estavas tão graciosa em tal postura,
E comias um paio de Lamêgo!

V

—

És minha, és minha, oh venturoso fado!
Cedeste á chamma que em meu peito alento!
Chegou por fim o divinal momento,
O dia de meus sonhos anhelado!

O ceu, ha pouco tôrvo, eil-o azulado;
Sussurra esmorecido ao longe o vento;
Esplende o sol no ethereo firmamento;
Recende arômas o florente prado.

Quando ha pouco a teus pés (oh quadro lindo!)
Te disse o meu amor, em doce esmaio
Senti volupias de um prazer infindo.

Oh camênas agricolas, cantai-o!
Ella, a minha formosa, ella, fugindo
Deixou-me o coração, deixou-me o paio!

VI

Oh ventura perdida, mal sonhada!
Quem dissera que tudo acabaria,
Como este meu charuto, em cinza fria,
Em fumo que se esvae no obscuro nada!

Deixaste-me, julgando-te adorada
Pelo moço de estranha galhardia,
Que no aspecto e nos gestos reflectia
O Manfrêdo sombrio da ballada.

Abalroando ao penetrar na barra,
Senti do ciume a lacerante púa:
Quiz ir-te em cima, erguida a cimitarra.

Mas foi-se-me depressa a idéa crua,
Graças a um vinho de hespanhola parra,
E á mudança benéfica da lua.

VII

—

Hontem, de noite, já depois que a lua
No occidente occultára a face mésta,
No teu jardim, por ignorada fresta,
Nos braços te vi de outro, semi-nua!

Eras, pois, d'essas miseras da rua,
Eras mais vil, mulher,—mais deshonesta!
E não morri d'aquella dôr funesta...
Tu mal dizias:«... meu amor, sou tua!»

Ir ter ao lôdo, andando nas estrellas!
Oh minhas pobres illusões venustas,
Que me resta de vós? que é feito d'ellas?

Mas,—para que chorar? Gentis, robustas,
São d'uma estatua as fórmas que revelas...
Dize: és tu mesma que o negocio ajustas?

VIII

—

Perdi toda a esperança de no mundo
Possuir-te um dia em venturoso laço,
Que só vejo ante mim, a cada passo,
Um abysmo maior e mais profundo.

Um destino fatal, e sem segundo,
A fronte me ha curvado a um jugo de aço,
E o Deus, que habita no luzente espaço,
Não me escuta nas sombras gemebundo!

Que dôr inexoravel, que amargura!
Perder-te, quando a mão já me estendias,
De luz enchendo a minha noite escura!

Que me resta? uma vida de agonias:
Até á desejada sepultura
A crápula aviltante das orgias.

IX

—

Uns dinheiros em cobre! Tristes sommas
Para afogar em vinho idéas méstas,
Mortíferas idéas; tão funestas
Que brancas trago as ondeantes cômas!

E o mundo a trasbordar de infindos brômas,
Cuja dita nas panças manifestas
Claramente se vê, como nas festas
Se vê na camponeza o vulto ás pômas.

Qual novo Jeremias, n'um rochêdo
Tristezas vou cantar e desventuras,
A mim mesmo causando horror e mêdo!

Beber, com esta dôr, só lymphas puras!
Cavai-me a cova, amigos: morro cêdo:
Não resisto da morte ás garras duras.

X

—

N'esta vida fatal, ai de quem pensa
Encontrar na mulher pudor e brio,
Que bem depressa o desengano frio
Lhe desfará as illusões e a crença!

Mulher, vai teu caminho: na licença
Ceva do corpo ardente o desvario;
Nem repares no meu viver sombrio,
Nem te chores da minha dôr intensa.

Que um dia, quando a sórdida impureza,
Que o viço cresta, e o rir no labio apouca,
Te consumir a esplendida belleza,

E pedires, com voz sumida e rouca,
A triste esmola da fatal pobreza,
Então me chorarás, cabeça louca!

XI

—

Que seria de mim, n'esta anciedade,
Sem a taça que os animos alenta,
Que nos transporta em dias de tormenta
Para longe da triste realidade!

Essa mulher gentil, que, sem piedade,
Por mim fingira uma paixão violenta,
Ri-se agora do amor que me atormenta,
Ri-se ha muito da minha ingenuidade.

Podia, modelando-me no Othello,
Ou no Sire feroz que a trova canta,
Tirar-lhe a vida a golpes de cutelo;

Mas, em lugar de sangue e furia tanta,
Derramemos n'esta alma o licôr bello,
Que do pámpano bróta e a vida encanta.

XII

—

Não chores mais, honesta Messalina,
Esquece um tempo, de illusões repleto;
Aquelle sonho de immortal affecto
Era imagem na lympha crystalina.

Espera-te uma vida peregrina:
Se o dia é triste, mudará de aspecto.
O meu amor, o amor do teu dilecto
Vale acaso essa lagryma divina?

Nem mais olhes o triste. Nas orgias,
Como nos antros de profundo mar,
Irei gastando os merencorios dias.

E eis o destino de quem sabe amar!
Mas a ti que choravas... e mentias,
Esperam-te os lençoes do lupanar.

XIII

—

Nunca do amor a resplendente chamma
Te fulgurou na lúcida pupilla:
No meu romance, plácida e tranquilla,
Nunca foste mulher, porque eras dama.

Da vingança pensei no tôrvo drama,
E nas ancias vivi de quem vacilla.
Vi-te feita de barro: eras d'argilla,
Fragil estatua em pedestal de lama.

E caminhei nas sombras da saudade,
Immerso n'esta dôr, que me devora
As rozas da perdida mocidade:

E a caminhar no escuro e sem aurora
Aos páramos cheguei da soledade...
Triste d'aquelle que nas trevas chora!

XIV

—

Não me provoques mais. Esta brandura
Encobre de um jaguar a furia horrenda:
Vai ler do Mouro a pavorosa lenda,
O mésto quadro da vingança escura.

Tu és como essas miseras impura
Que o vicio expõe no lupanar á venda!
Nem mais te quero vêr na triste senda,
Que te leva aos abysmos da loucura.

Perdi-te. Mas a flôr que no occidente
Viu moribundo o sol, ergue a corolla
Aos orvalhos da aurora resurgente:

Sigo os preceitos da moderna escola:
—Não ha dôr que resista a um vinho ardente,
Nem ao facil amor de uma hespanhola.

XV

—

Eis-me livre, qual ave nos espaços!
Quebrei os élos da fatal cadeia!
Da velha taça, de amarguras cheia,
Restam sómente os humidos pedaços.

Trazia a face triste, os olhos baços,
Do contínuo pensar na mesma idéa,
E a morte, que na orgia entre nós ceia,
Já me estendia os carcomidos braços.

Andava como a trémula andorinha
Em tôrno de maléfica serpente,
E nem vergonha das injurias tinha!

Mas do resgate a aurora resplendente
Raiou emfim! Adeus, senhora minha:
Surge da lama o trovador plangente.

XVI

—

Foi-se o pallido inverno. O torvelinho
Para longe arrastou a nevoa fria.
Canta no bosque a alegre cotovia,
Exhala o arôma o verde rosmaninho.

A veia d'agua, em doce murmurinho,
Das longas hervas a aridez sacia;
E das brizas a ténue melodia
Ao longe corre no sarçal maninho.

Eil-o, da primavera o sol radiante!
Só para mim sem luz! Tufão violento
Lançou por terra o plátano gigante.

Oh! quanto invejo o estítico jumento
Que além chora no prado verdejante:
Aos céus erguera o fúnebre lamento!

XVII

—

Hontem, no baile, por fatal desgraça,
Não foi de vinho que fiquei repleto;
Mas d'esse immenso, arrebatado affecto,
Que as almas vence, e os corações enlaça.

Feriu-me, como o raio quando passa
Fere no monte o solitario abéto:
Agora vivo d'esse amor secreto:
Eil-a quebrada a generosa taça!

Foi-se o tempo das sórdidas orgias:
Unido á bella, em marital socêgo
Vão dentro em pouco deslisar meus dias.

Seja a torrente um plácido Mondêgo;
A minha taça—um copo d'aguas frias,
O meu bello—o presunto de Lamêgo!

XVIII

—

Não te parece esta existencia clara,
E deploras que o vate da tristeza
Abandone, com tanta ligeireza,
Quanta mulher gentil ancioso amára.

Mais frio que Blondin sobre o Niagára,
Julgas minh'alma em vis paixões accesa;
E comtudo nas ostras da belleza
Eu só procuro o amor, pérola rara.

Seja a mulher, como um reptil, hedionda,
O typo ideal da estupidez suprema,
Um monstro informe, que da luz se esconda;

Ou seja a Venus do marmóreo poema,
Um modelo de artistas, a Gioconda;
Ser, ou não ser amado, eis o problema.

XIX

—

Feliz canario! os beijos que a vizinha
Te consente nos puros labios d'ella,
São traça feminil de que usa a bella
Para augmentar esta desgraça minha.

Mas em vão. Morta a fé que me sostinha,
Vou recolher-me á paz de obscura cella:
Que saudades terei d'essa janella,
D'onde ella outr'ora namorar-me vinha!

Tecei-me, oh bardos tristes, o epicédio!
Cantae na lyra o vate merencorio,
Que ao mundo foge, por fugir ao tedio!

Cantae-me a vida, e o sonho transitorio!
Cantae, em quanto á dôr busco remedio
Nos vastos caldeirões do refeitorio.

XX

—

De um monge na cogúla disfarçado,
Ousei ouvir a confissão de Roza.
Tu, Senhor, que a fizeste tão formosa,
Desculpa-me o sacrilego peccado.

O segredo lhe ouvi de que era amado,
De que em mim punha o seu porvir, ditosa.
E tremia-lhe a fala, suspirosa,
E arquejava-lhe o seio immaculado.

«Filha, eu lhe disse, o teu amor é santo:
«Tu já lh'o declaraste alguma vez?»
—«Á hora em que, ao sol pôsto, ao piano canto.«

—«E como o adoras? como a Deus talvez?
—«Oh! seria peccar;—mas quasi tanto
Como adoro o meu lánguido maltez.»

XXI

—

Aquella Roza branca, a flôr mais viva
Dos jardins olorosos de Granada,
Já não parece a flôr enamorada,
Triste por viver só, viver captiva.

Outr'ora, em seu mirante, pensativa,
Muitas vezes a luz da madrugada
A via entre boninas, enlevada
Nos sons d'uma guitarra fugitiva.

Agora, a Beatriz do Poeta abstruso,
A Elleonora das canções do Tasso,
A Nathercia gentil do cantor luso,

Sol perdido em nevoeiro escuro e baço,
A cítharas prefere a roca e o fuso,
Aos meus cantos—presuntos de Melgaço!

XXII

—

Sob o influxo da negra phantasia,
E do ciume fatal que me atormenta,
Furioso insulto, com paixão violenta,
A musa, que nas sombras me alumia.

E és tu, n'esta idade sem poesia,
O lyrio, que em minh'alma se alimenta!
Eu, porém, sou qual fera truculenta,
Que esmaga aos pés a flôr que lhe sorria!

Não quero o teu perdão, que o não mereço;
Ai! seja o teu desprezo o meu castigo,
E morra d'este mal de que padeço.

Mas ao menos no funebre jazigo,
Dá-me, em desconto do meu fado avêsso,
Que eu fique em marmore a dormir comtigo.

XXIII

—

A doce paz tranquilla e a segurança,
Em que eu levava a alegre mocidade,
Foram nuvens n'um ceu de tempestade,
Que d'ellas ninguem sabe ou tem lembrança.

Pobre de quem na vida se abalança
A amar com fé, e alma, e lealdade!
Em denso véu de triste escuridade
Verá perdida a límpida bonança!

Oh! que nem tenha um coração amigo,
Que me alente no páramo terrestre,
E me acompanhe ao funebre jazigo!

Dá-me esse onágro de vigor silvestre,
E os ôdres pandos, oh Sileno antigo:
Ensina-me na dôr: só tu és mestre!

XXIV

—

Ahi tens o peito nú, ahi tens a adaga:
Vibra o ferro, mulher, e sem piedade!
Que n'esta procellosa escuridade
Mais vale a morte que esta vida aziaga!

Talvez além, na duvidosa plaga,
Me deslembre da tua falsidade,
E absôrto na divina claridade,
Mal da terra conserve a imagem vaga.

Serei feliz talvez, serei ditoso:
Nem quero que me chores dolorida,
Que ao nada vou, se é falso o eterno gôso.

Eis-me a teus pés: ao mísero trucida;
E qual sabes ferir um pôrco ancioso,
Arranca-me d'um golpe a luz e a vida!

XXV

—

O phantasma da minha desventura
Eil-o em fumo subtil e fluctuante:
Fui contemplar-te um derradeiro instante,
E foram-se-me as sombras da loucura.

Semelhavas a estatua da amargura,
E no marmore liso do semblante,
Em quadro tumultuoso e cambiante,
A cólera passava e a dôr escura.

De magua e de soberba estranho enlace!
Nem ha phidias que o talhe no granito,
Nem ha pintor que n'um desenho o trace.

Mulher divina! eis-me a teus pés contrito:
A injuria atroz, que te cuspi na face,
Era o lamento de um José do Egypto!

XXVI

—

Não chores. Essa mórbida tristeza,
Que te enlanguece as fórmas voluptuosas,
Vae do teu rosto emmurchecendo as rozas,
Maravilha d'amor e de belleza.

Não te imagines porventura prêsa
Do vampiro das lendas sanguinosas:
Vi-me no mar das ondas amorosas,
Transformei-me no doge de Veneza.

Chore-se antes o tempo em vão perdido,
Como nuvem fugaz em ceu nublado,
Na voragem fatal do eterno olvido!

Adão, por Deus expulso e condemnado,
Colheu de novo o fructo prohibido,
E pôz-se a rir do ceu... e do peccado!

XXVII

—

Ia o sol desmaiando no occidente,
E disseste-me então:—Ah! doce amante,
Ditosa eu fôra se inspirasse um Dante:
Em seus cantos vivêra eternamente!—

Fez-se em minh'alma a luz. Um poema ingente,
Inspirado encetei desde esse instante.
—Aqui o tens, oh musa; em tom vibrante
N'elle celébro o nosso amor ardente.—

E mais lhe disse o trovador:—No Pindo,
E na fonte ao deus loiro consagrada,
Estes versos compuz de amor infindo...—

E ella, com voz fagueira e namorada:
—Oh! como és bom, e que poema lindo:
—Excede a *Joven Lilia* abandonada!—

XXVIII

Não me illudem, mulher, o fingimento,
E os enganos da lúbrica impustura:
Correu-se um veu na cérula planura,
E nem vejo o esplendor do firmamento.

Que triste o meu destino! Amarulento,
Como o Rei Lear nas sombras da loucura,
Irei chorando a minha sorte escura,
Sôlto o cabello aos ímpetos do vento!

Mas primeiro ha de ouvir-se no infinito,
Como a lúgubre nota de um solfejo,
Um ai supremo, um derradeiro grito:

Vibre a theorba o doloroso arpejo!
E eterno fique o nosso poema escripto...
Nas carnes d'um presunto do Alemtejo.

XXIX

—

Que formosura esplendida! O propheta
Dera-te ingresso na superna estancia,
Que nem o loiro Bull, pai da elegancia,
Tem filha mais ideal, e mais completa.

Se te visse um Tenorio, á vida abjecta
Pozera um termo, e á sordida inconstancia,
Que de ti nasce o amor, como a fragrancia
Nasce da flôr que a brisa affaga inquieta.

E comtudo és da raça das Megéras:
Inda ha pouco fingias os desmaios,
As doces falas das paixões sinceras;

Mas,—eram de uma Circe os crús ensaios:
Transformar-me n'um cérdo, eis o que esperas,
Que o teu capricho é devorar-me... em paios!

XXX

Mulher, vejo-te nua, embora escondas,
Sob as tintas da candida tristeza,
As máculas da sordida impureza,
A lepra vil das saturnaes hediondas.

E comtudo, enganando-me, inda sondas
O mar largo da minha singeleza:
Suppões-me, como o doge de Veneza,
Esposo facil de corruptas ondas!

Não chores a meus pés esmorecida:
Lá mais tarde, nos palcos da cidade,
Farás de Magdalena arrependida.

No vicio póde haver honestidade:
Deixa-me em paz nas sombras d'esta vida,
Não me affrontes na minha soledade.

XXXI

—

Mais um anno que finda! E nem ao menos
Vi acclarar-se a negridão sombria,
Que de ha tanto me encobre a luz do dia,
O claro azul dos páramos serenos!

N'uma caverna os magoados thrênos
Irei soltar á bronca penedia,
E, solitario, em permanente orgia,
Sedento beberei lethaes venenos.

Vou ser o novo Hilario, o cenobita
Que na Thebaida os membros nús flagella,
Se á tentação da carne o Mal o excita;

Que só quero, bem longe da procella,
Por cilicios, os braços de Pepita;
Por livro d'orações—os labios d'ella!

XXXII

—

És da raça dos Borgias. O amavio,
Que me déste a beber com mão tranquilla,
Era o pus que das almas aniquila,
Como um vento de morte, a flôr do estio.

Julgára ver os céus no azul sombrio,
No iris desleal d'uma pupilla:
A virgem era um átomo de argilla
E a epopeia do amor um poema impío!

Mas, a victima, oh vil mulher aziaga,
Ha de fugir-te, qual na Lybia adusta
Foge a visão fallaz na extensa plaga.

Lança os filtros do mal, pobre Locusta!
Vês aquella hespanhola? eis a triaga,
O meu remedio, que a tomar não custa.

XXXIII

—

Partiu! E nem sequer uma lembrança
Me quiz deixar no camarim ditoso,
Onde, no enlevo d'um amor furioso,
Nós nos juramos uma eterna alliança!

Pobre de quem na vida se abalança
A crêr nas illusões d'um falso gôzo!
Dos abysmos d'um mar tempestuoso
Aos céus debalde implorará bonança!

Partiu! E d'esta sala, onde oiço o canto
Do plangente violino de Cremona,
Tudo essa indigna me levou sem pranto!

Sómente no damasco da poltrôna
O romance esqueceu, que amava tanto:
A Vida da formosa Magalona!

XXXIV

—

Da primavera a luz vivificante
Por toda a parte resplandece e brilha:
Abre a anémona o calix, e á baunilha
Ajunta o aroma o látyro fragrante.

Canta o melro no bosque murmurante;
Procura o toiro a placida novilha;
E na grosseira flauta, em que dedilha,
Tange o campino o festival descante.

Mas o triste que lucta nas tormentas,
Se abril o prado esmalta, mais deplora
As illusões da vida amarulentas...

Serei ditoso ainda? Esplenda a aurora:
Não cri no amor das salas opulentas,
Vou nas cozinhas procural-o agora.

VIOLÃO NOCTURNO

I

RECORDAÇÕES

A Gonçalves Crespo

Quem póde as scenas esquecer, os dramas
Em que vencemos orgulhosas damas,
Sem lança, escudo e arnez!
Quem não sabe de cór as longas fallas,
Que nas alcovas, nos jardins, nas salas,
Dissemos tanta vez!

Decoradas com arte, e linha a linha,
No velho *Carlos Magno,* o que lá tinha
Seu classico sabor,
A fama lhes devemos de Almavivas,
E as primeiras victorias fugitivas:
As primicias do amor.

Quantas vezes, da pallida Clarisse,
—Para que o tempo mais veloz fugisse
No frondoso pomar,—
Não amámos a perfida lacaia,
Trocando a margarita de Cambaia
Por um fructo vulgar!

Quantas vezes, já finda a noite escura,
Não recebemos, por final doçura,
Entre mimos gentis,
Obra nocturna de subtil destreza,
Umas chinelas de feição chineza,
Bordadas a matiz!

Quantas vezes, em plena serenata,
Vibrando á porta d'uma Helena ingrata
O choroso violão,
Não recebemos na abrasada fronte,
Como affago d'um pé de masthodonte,
Um vaso do Japão!

Quantas vezes, subindo a corda ondeante,
Que nos levava de um jardim fragrante
A um templo feminil,
Em vez do brando rosto da Julieta,
Não beijámos a longa barba preta
D'um phantasma viril!

Doces noites de amor! quando a velhice
Prostrou no campo da amorosa lice
Um campeador audaz,
Se na mente surgis do Lovelace,
Inda lhe assóma no pallor da face
Uma aurora fugaz!

II

RIVAES

A Candido de Figueiredo

Eu tenho duas amantes,
Duas bellas margaritas:
Duas estrophes brilhantes,
Por um deus na terra escriptas.

Uma é loira, timorata,
E tão nebulosa e mésta
Como as Noivas da ballata,
Resurgentes na floresta.

Tem no labio um riso brando,
Nos olhos um céu tranquillo,
.E vê-se-lhe o corpo, olhando
A deusa eterna de Milo.

Por um só ramo de flores,
Deu-me em tróca o amor das valsas,
Mas do lago dos amores
Já me vou nas ondas falsas.

A outra, alegre e ruidosa,
Não como Elvira, a flor branca,
Dobrara a paixão vaidosa
De Felix de Salamanca.

Ninguem, se a vir, que não peque!
Ninguem, se a vir, que não sinta,
Por beijar-lhe a mão e o leque,
Uma volupia faminta!

Por um só ramo de flores,
Deu-me as honras de seu pagem;
Mas no lago dos amores
Ja vou perto da voragem!

Tem sangue de hespanhola
N'um corpo de Julieta,
E deu-se por esmola

Ao poeta anachoreta,
Ao som da castanhola,
Ao som da pandeireta!

IV

A CAMENA

A Guerra Junqueiro

Oh poetas d'agua fria!
Dizei-me: a vossa musa
Será como a andaluza
Que as noites me abrevia?

Olhae-a: que poesia!
Na dórna da Arethusa
Lá enche agora a infusa
De classica ambrosia,

E aos labios de cereja
Eleva, airosa e rindo,
O copo de cerveja!

Oh quadro novo e lindo!
Musas, chorae de inveja,
Musas, descei do Pindo!

V

RIMANCE

A E. A. Vidal

Vede-lhe a côma opulenta
No desalinho gentil!
A briza fresca d'abril
Destrançou-a turbulenta.

É negra, da côr do abysmo;
Em ondas parece o mar:
A nada a posso igualar
Por mais que procuro e scismo.

Quando a viu, o rei Fulano
Disse ao pagem que o seguia:
«Pelas tranças de Maria
Dava estas botas de cano!»

Olhae agora a madeixa
Como se enrosca na espádua!
O proprio Antonio de Padua
Lhe teceria uma endeixa.

Tal em Clubin, que perneia,
O polvo de Hugo se enlaça,
Tal na bella, ideal de graça,
A trança gentil se enleia.

Um gentil-homem de França,
Aqui famoso dentista,
Amou, com amor de artista,
A dona da longa trança.

Que paixão, que sorte aziaga!
Que terrivel desenlace!
Como a dama o não amasse,
Cravou no ventre uma adaga.

Inda agora o viandante
Vê á porta do infeliz
Um queixal já sem raiz,
Insignia do louco amante.

Vêde-lhe a côma opulenta
No desalinho gentil!
A briza fresca d'abril
Destrançou-a turbulenta.

VI

BALLADA

A Ramalho Ortigão

I

Essa mulher, que em sonhos me tortura,
Nas feiras de Stambul fôra sem preço!
Que face bella na subtil moldura!
Que labios sensuaes, que rir travêsso!

¿ Que mão se aponta que em Sevilha rufe,
Mais doce e linda, o sonoroso adufe?

II

A chamma ardente de seus olhos brandos,
Fontes de mel ou de peçonha amára,
Á clausura de monges venerandos,
Mais que o demonio, tentações levára.

Contra os filtros subtís de uns olhos pretos
Nem resiste o pavez dos amuletos.

III

Mas no pé, arma branca de combate,
Causa perenne do femineo arrufo,
É que a gentil morena o luxo abate
Ás glorias mais sublimes do pantufo.

¿Esse que o nega, sem medir a affronta,
Que vinho encerra na cabeça tonta?

IV

Um sapateiro illustre e cavalheiro,
Ao tomar-lhe a medida da botinha,
É voz que disse d'alma e verdadeiro:
«Se eu for um dia rei, salvé, rainha!»

E que vendo perdida a ingenua phrase
A propria fronte decepou da base!

V

Pé flexivel, sem túmido capricho,
Excedera o da célere Atalanta!
Na China um mandarim dera o rabicho
Por uma dama de tão breve planta.

¿Que selvagem de rábido colmilho
Se detivera no chapim casquilho?

VI

Contrario ao da Mulher que á serpe esmaga
No globo azul a fronte de esmeralda,
Ergue-se o amor em furiosa vaga
Mal o divisa nos setins da fralda.

Mas, interrompa-se a epopeia lesta,
Que já vacilla o fogaréu de Vesta!

VII

VINGA-TE

A J. Frederico Laranjo

Não chores, linda creança:
Brilhe em teus labios a aurora!
A corça, que o chumbo alcança,
Vae moribunda e não chora.

Desprendeu-se-te dos braços
O teu preferido amante;
E lá se vae nos espaços
O passarinho inconstante!

Vae nas garras d'um milhafre,
E nem ao menos se affronta!
Dessem-te a vira d'um cafre,
E a setta hervada na ponta!

Além, da viçosa enfesta,
Alegre desponta o dia,
E nos ôlmos da floresta
Já gorgeia a cotovia.

Contempla o vasto horisonte,
E o azul da larga esphera!
Vem dar a pallida fronte
Aos beijos da primavera!

E vamos por esses prados,
Por esses campos extensos,
Como dous enamorados
No mesmo enleio suspensos!

Não gostas de ver as danças
Das alegres raparigas?
Vão soltas no ar as tranças,
Vão soltas no ar as ligas.

D'essa múrmura deveza,
Vejamos o quadro lindo:
Nem eu mais veja a tristeza
Nesse teu olhar infindo!

Não chores, linda creança,
Brilhe em teus labios a aurora!
E se pensas na vingança...
Que bonito é o campo agora!

VIII

SCENA CAMPESTRE

A Joaquim de Araujo

Que bella phantasia
A d'um festim na aldeia!
Bucolica epopeia
De amor e de poesia!

Que breve passa o dia!
Tu ris-te, Galathêa?
Quem pompas vãs odeia
Não quer outra alegria

Repouse agora a taça,
E n'esta balsa escura,
Que o ciume não devassa,

Gozemos a ventura
Que é sonho bom que passa,
Que é sonho emquanto dura!

IX

AMOR FUNESTO

A Simões Dias

Que triste vida não passa
Aquella andaluza ardente!
Ou morra em sombras o dia,
Ou surja a aurora ridente,
Anda a formosa menina,
Aberto o peito aos desejos,

Como a somnambula tonta
Que vae por montes e brejos;
Ora em chammas encendida,
Da viva côr das romãs;
Ora fria e esmorecida,
Como as esposas sem vida
Das balladas allemãs.

Fitára os olhos ardentes
De um vate de negras cômas,
E prelibára as delicias,
E presentira os aromas
D'aquella flôr peregrina,
Que nos êrmos da floresta
Não abre o calix aos beijos
Da borboleta immodesta.

Mas o poeta que seguia
O caminho das espheras,
Envolvido e arrebatado
N'um torvelim de chimeras,
Beijou-lhe a face divina,
Libou-lhe um hausto na taça,
E fugindo sorridente,
Foi como a nuvem que passa!

E a mãe dos longos vestidos,
Em funda melancolia,
Procura rasgar a névoa
D'aquella magua sombria:

—«Amor é bom nas intrigas
Dos romances de poesia,
Mas ái d'essas raparigas
Que se levam, como necias,
Das amorosas cantigas
D'um auctor de taes facecias!

«Os homens, filha adorada,
São verdadeiras serpentes:
Têm a pelle encantadora,
Mas venenosos os dentes.
As fallas enamoradas,
As juras de eterno amor,
São n'elles sempre mentira,
Como é mentido o pallor,
Que nós julgâmos nascido
D'aquelle profundo anceio
Da paixão, que lhes causâmos
Da febre que têm no seio.
Aquelle aspecto abatido,

Arrastar bellos estofos;
Passar a noite abafada
Em leitos brandos e fôfos;
Correr a galope as ruas
Em cavallos africanos;
Viver, emfim, esquecida
Dos futuros desenganos;
Eis a ventura na vida.»—

Mas embalde. Porque absôrta
N'aquelle amor que a devora,
Ou morra em sombras o dia,
Ou surja a ridente aurora,
Anda a formosa menina,
Aberto o peito aos desejos,
Como a somnambula tonta
Que vae por montes e brejos;
Ora, em chammas encendida,
Da viva côr das romãs;
Ora fria e esmorecida,
Como as esposas sem vida
Das balladas allemãs.

Aquellas grandes olheiras
São filhas de orgias hórridas,
São filhas das borracheiras.
Mal apenas, minha filha,
O sacristão apressado
Apaga, de cana erguida,
Os tocheiros do noivado,
Ai logo n'elles o tédio
Principia o curto assedio
Em que expira o amor gelado!

«Não chores, linda creança:
Uma capella de flores
Depressa emmurchece e morre,
Perdido o perfume e as côres;
Mas se forem de oiro puro
As boninas da grinalda,
Conserva a eterna belleza
Do topazio e da esmeralda.

«Ai só, louquinha, a riqueza
Traz deleites verdadeiros:
Passar a vida cercada
De mancebos lisonjeiros;
Ser invejada, nas salas

Arrastar bellos estofos;
Passar a noite abafada
Em leitos brandos e fôfos;
Correr a galope as ruas
Em cavallos africanos;
Viver, emfim, esquecida
Dos futuros desenganos;
Eis a ventura na vida.»—

Mas embalde. Porque absôrta
N'aquelle amor que a devora,
Ou morra em sombras o dia,
Ou surja a ridente aurora,
Anda a formosa menina,
Aberto o peito aos desejos,
Como a somnambula tonta
Que vae por montes e brejos;
Ora, em chammas encendida,
Da viva côr das romãs;
Ora fria e esmorecida,
Como as esposas sem vida
Das balladas allemãs.

X

BRINDE SECRETO

(N'uma bôda)

Sou feliz! Teu espirito formoso
Mostrou-me o abysmo de um amor profundo:
Só quizeste acceitar a mão de esposo
Do mais odiento dos rivaes do mundo!

A elle o jugo, que sonhou tão lindo,
A elle a taça do prazer insulso!
A mim o labio que mentiu sorrindo,
Quando no templo lhe sorriu convulso!

XI

NUPCIAS

A Augusto Sarmento

Senhora da loura trança
E do olhar indefinido!
Bem fundo vibraste a lança:
Eis-me prostrado e vencido!

Eu era o fátuo Narciso,
De si mesmo apaixonado:
Nunca vira o teu sorriso,
Nem teu gesto enamorado.

Só tinha uma gloria: a taça
Dos longos, ruidosos vivas;
Só tinha um prazer: a caça
De galathêas esquivas.

Um dia, que me sorriste
Do miranête das flores,
Quiz saber o poema triste
Da loucura dos amores.

Que funesta leviandade!
Nem lhe sei medir o preço,
Que vou dar a liberdade
Por um bem que não conheço!

Tinhas feito o juramento
De me ver as mãos escravas:
Não me deixaste um momento,
Nem de seguir-me cançavas.

Assim, no esconso fastigio,
O maltez dissimulado
Segue o placido remigio
Do passarinho pintado.

Assim, no bosque distante,
O cannibal famulento
Segue o passo vacillante
Do caçador vinolento.

Fiquei vencido na lucta;
Corra-se o véu do passado:
Quebre-se a taça impolluta
Do velho antiste algemado.

Senhora da loura trança
E do olhar indefinido!
Levas na ponta da lança
O coração d'um marido!

XII

Á BEIRA-MAR

A Manuel Duarte de Almeida

Ai que tristeza, quando o sol desmaia
Ao longe, ao longe, nas cerúleas vagas,
E a noite desce á merencória praia,
E o lumbo chora nas longinquas fragas!

Como na arésta da campina ondeante
A longa fila das gaivotas passa,
Assim na fronte d'um sombrio amante
As scenas passam da ventura escassa.

Os risos conta da mulher perjura,
Os longos beijos de sensual poesia;
E sente os ascos da bebida impura,
O sabor acre da nocturna orgia.

E vendo exhausta, nos vaivens da lucta,
Das illusões a cornocopia vasta,
Inveja a sorte da lagôsta bruta,
Que alem nas rochas a existencia arrasta.

Medita e chora; e se a profundos tragos
Bebeu na taça phantasias méstas,
Vê sobre as ondas lubishomens vagos,
Os thrênos ouve de canções funestas.

E vence-o a febre, o pesadelo enorme,
A lava accesa d'um projecto louco,
E nas areias solitario dorme
Ao som distante do marulho rouco.

Ai que tristeza, quando o sol desmaia
Ao longe, ao longe, nas cerúleas vagas,
E a noite desce á merencória praia,
E o lumbo chora nas longinquas fragas!

XIII

TUDO ESCURECE

A Bernardino Machado

Ninguem te póde amar. A natureza
Quiz ser ideal comtigo e mãe profusa,
E fez-te a deusa fria, a etherea musa
Dos infindos poetastros da belleza.

Porém negou-te a sensual viveza,
O salero gentil d'uma andaluza:
Ora a taça do velho syracusa
Não vale um copo de cerveja ingleza.

Filha da Escossia, e como a Escossia algente,
Não tens das bellas das regiões do sul
A graça feminil, e o amor ardente.

E comtudo, se acaso o loiro Bull
Te leva, sinto alguem que de repente
Subtil me põe uma luneta azul!

XIV

HONESTA!

A Alberto Telles

Foi rude, senhora, o choque,
Foi segura a punhalada!
Nem melhor vibrára o estoque
Um assassino de estrada!

Aborrecera-lhe a farça
Do casto amor das amantes,
E partiu, de côma esparsa,
Na choréa das bacchantes!

Eu já presentira a sorte
De uma vida sem bonança,
E lia, cheio de morte,
O *lasciate ogni speranza!*

Vira nas dobras da stringe
Da vestal da etherea chamma
A nodoa, que o vicio tinge
Da côr impura da lama!

E nesse penar immenso
Inda vivia nutante,
Como o naufrago suspenso
D'uma palha fluctuante!

Agora nem vejo os traços
Do temporal desabrido:
Sómente me fere a espaços
O flebil som d'um gemido.

Foi como a visão das plagas,
Que o mar desenha na espuma:
A lucta de imagens vagas
Que se dissolvem na bruma!

XV

LAGRYMAS DE CROCODILO

A Luiz de Andrade

Não chores, Maria: o pranto,
Que turba teus olhos lindos,
Vae roubar á terra o encanto
Da visão dos céus infindos.

Poupa-me o resto da farça
Dos teus fingidos amores:
Nem tanto vale um comparsa
Do côro dos trovadores.

Nessa fronte pensativa,
Nessa pagina tão bella,
Tens impressa a nódoa viva,
Que teus instinctos revela.

És da raça dos abutres,
E vendo a rôla que parte,
Em teu animo só nutres
O desejo de vingar-te.

Nem tens outro pensamento;
E nesse empenho enlevada,
Finges o chôro violento
D'uma esposa abandonada.

Mas são debalde os esforços
Que em teu desespêro abraças;
Que não creio nos remorsos
Das messalinas devassas.

Nem chores mais: esse pranto,
Que turba teus olhos lindos,
Vae roubar á terra o encanto
Da visão dos céus infindos;

Sólta essas tranças ao vento:
Nem por tão pouco entristeças
Vê: lá passa o regimento,
Um pachá de mil cabeças!

XVI

TEMPESTADES

A Anthero de Quental

Pelas humidas campinas
Corre o outomno amarelento:
O cerúleo espaço immenso
Tolda-o o nimbo pardacento;
E na frondífera parra,
E no recôndito asylo,
Já não descanta a cigarra,
Já não trina o alegre grilo.

Os troncos negros dos quercos,
Nús de folha e verdes copas,
São como espectros sinistros,
Involtos em negras ópas;
E nas frestas das portadas,
E nos áridos maninhos
Uivam ríspidas lufadas.

Dias de túrbido aspecto!
Como vós, nas sombras lucta
Quem viu n'um bárathro infecto
A flôr que amára impolluta.

Ha pouco o dia, a bonança,
O azul da lúcida esphera;
Agora a escura lembrança
D'uma enganosa chimera;
E nos páramos da aurora,
Na longinqua soledade,
A treva que sempra chora,
A perpetua escuridade!

Triste de quem nos alvores
Da primavera dos annos
Sentiu no peito os agrôres
Dos funestos desenganos!

Assim o bebedo passa
Da beatitude á tristeza,
Se poz aos labios a taça,
Onde sonhára um falerno,
E nos sôrvos da cachaça
Hauriu as bôrras do inferno!

Triste de quem nos alvores
Da primavera dos annos
Sentiu no peito os agrôres
Dos funestos desenganos!

Então n'esses paroxismos,
A louca procella em furia,
Ruindo pelos abysmos,
Soluce a rouca lamuria
Dos supremos cataclismos!

Que a tristeza se minora
Nos embates da tormenta:
Une a desgraça o que chora
Ao que na dôr se lamenta!

XVII

ULTIMO ADEUS

A Eça de Queiroz

Não venho, senhora minha,
Ao som d'um thrêno choroso,
Lembrar-lhe a historia mesquinha
D'um romance desditoso.

Foi-se o tempo das balladas,
E os Romeus de nossos dias
Não sabem das alvoradas,
Nem da voz das cotovias.

O Mouro da tez adusta,
Quebrado o punhal sangrento,
Nem Desdémonas assusta,
Nem sólta canções ao vento.

Que o deus das faces mimosas,
A loira creança imberbe,
Vive agora como as rosas
Da poesia de Malherbe.

Eu quiz um sonho mais largo,
E no banquete da vida,
Deu-me a sorte um fel amargo
N'uma taça corrompida.

E quando, triste e sereno,
Me quiz erguer contra a sorte,
Já tinha na alma o veneno,
No sangue o germen da morte.

Mas, perdão! senhora minha:
Eu não venho em tom choroso
Lembrar-lhe a historia mesquinha
D'um romance desditoso.

Venho, enxutas as pupillas,
E confórme as etiquetas,
Depôr-lhe nas mãos tranquillas
Este ramo de violetas.

Por um beijo, a uma andaluza
O deu em paga um toireiro,
E d'esta origem confusa
Provém-lhe um fim agoireiro.

Que bello na trança linda!
Que bem n'essa trança d'oiro!
Mas, hade enfeitar ainda...
As pontas curvas d'um toiro!

ONOFRE

I

Deitado sob um plátano frondoso,
Da Arcadia n'um reconcavo ignorado,
Todo coberto d'um tapiz relvoso,
E de múrmuras copas ensombrado,
Eu vou cantar de um vate portentoso
A vida estranha, o memoravel fado,
Esperando que n'esta erguida empreza
Me suppra o estro a natural rudeza.

E tu, a mais formosa das camênas,
Thalía, oh casta musa hoje esquecida,
Que o vôo ergueste ás regiões serenas,
E que lá te demoras foragida!
Desce e inspira estas minhas cantilenas,
Pois que a adorar-te vou passando a vida:
Não te esquives ao teu enamorado,
Dá-lhe um riso do labio nacarado.

Que sempre foste pura, corre fama,
E por ella eu quebrára vinte lanças;
Mas não perde a pureza, creio, a dama,
Que deixa ver o pé nas leves danças;
No leito cerre o cortinado á cama,
Mas não esconda em véus as loiras tranças:
Eu até julgo que pouco soffre o pejo,
Se os labios não furtar a um casto beijo.

Portanto, não me negues o sorriso
Que ha pouco te pedi, musa divina;
Vê como corre múrmuro o Pamyso
Por entre as verdes junças da campina;
Zune a abelha nas folhas do cytiso,
Exhala aromas a vernal bonina;
Tudo convida a cantos graciosos
Nos páramos aónios deleitosos.

Mas vou por estes sitios transviado,
Perdi-me n'uma senda verdejante:
Não é por ti, oh musa, que inspirado
Deve ser o meu canto estrepitante;
É d'essa, tua irmã, que no tablado
Põe a tragica scena horripilante,
Que eu hoje imploro a inspiração ardente,
Que ao pranto mova a illacrymavel gente.

Onofre, o meu heroe, viera ao mundo
Marcado para insolitos destinos;
No ámago do cerebro profundo
Ferviam-lhe éstos de Amphiões, de Linos.
Os que o viam passar meditabundo,
Fitos no vago os olhos sybillinos,
Na postura ficavam de quem pasma
Em face de noctivago phantasma.

Ás horas em que o môcho esvoaça em tôrno
De velhos torreões e cemiterios,
Se o relampago, ao sopro do bochôrno,
Illuminava os concavos aérios,
Envolto n'um lençol, funéreo adôrno,
E caminhando a passo de mysterios,
Eil-o surdia, a furto, de uma esquina,
E lá se ia nas trevas da neblina.

Outras vezes, na tasca, vinolento,
Os versos que fizera recitava,
Ficando desde logo somnolento
Aquelle que a escutal-os se arriscava.
Erguia nelles o suicidio lento
A que o genio, bebendo, se entregava,
E, citando Espronceda com Musset,
Longas taças bebia d'agua-pé.

Onofre, como tantos, era filho
Do cantor do *Corsario* e do *Manfrêdo,*
E querendo-o seguir no mesmo trilho,
Poemas dava á luz de triste enrêdo,
Em que fazia ouvir, como estribilho,
Os córos pavorosos do bruxêdo,
Arripios causando e susto ás gentes,
Que os escutavam a ranger os dentes.

A lua, diz um sabio meu vizinho,
Traz influxos á terra nimio infestos:
Faz correr na planicie o torvelinho,
Arroja o mar á praia, accêso em éstos.
Nas polpas cerebraes, bem como o vinho,
Desarranjos produz e tão molestos,
Que a subsistencia dos modernos vates
Não maravilha mais que a dos orates.

Não metto á discussão tão largo thema,
Que o meu sabio é sagaz na dialectica,
Além d'isso, no entrecho d'um poema,
Que tem por fim a commoção pathetica,
Quem não seguir o classico systema,
Fincando-se nas regras d'uma esthetica,
Um trabalho produz na essencia lêrdo,
E a fama alcança de versista esquerdo.

E é tão certo, que a musa auri-comada,
Que descêra a inspirar-me estes cantares,
Vendo o rumo que levo, eil-a amuada
Que parte, e que se esvae no azul dos ares!
Deixando-me na róta começada
Entre recifes de ignorados mares,
Aqui o ferro lanço, mal seguro,
Que é facil naufragar sem palinuro.

II

—

Que tenebroso dia! a chuva em furia
Estala nas vidraças gottejantes,
O vento, em rouca e fúnebre lamuria,
Passa, e lá vae aos pinheiraes distantes;
A veia do remanso, hontem murmúrea,
Muge e estende-se em vagas espumantes;
Não deixa o rouxinol o plumeo ninho,
Pedem velhos calor ao lume e ao vinho.

Adeus, portanto, oh bosques rumorosos,
Das nove irmãs canoras frequentados!
Confrangido entre muros salitrosos,
E envôlto em longos mantos estofados,
Meus cantos soltarei, não sonorosos,
Que não podem por vós ser inspirados:
Não me acurva a tal ponto o meu lyrismo,
Que por elle me exponha ao rheumatismo.

E sem mais digressões, sem mais recamos,
Deixando sendas por mais ampla estrada,
Deliciosa leitora, prosigamos
No contexto da scena começada.
Porém soffra, primeiro, que estes ramos,
Que nos prados colhi de madrugada,
Lh'os ponha no açafate dos bordados,
Que assim o manda a lei dos namorados.

Tinha Onofre uma prima, a doce Amalia,
Alma ethérea n'um corpo esculptural,
Elegante e formosa como a dahlia
Que ergue a corolla ao rócio matinal.
Da brancura do marmore de Italia,
Sem a luz de seus olhos de mortal,
Pela estatua de um mestre passaria,
Pela Venus da grega idolatria.

De reflexos doirados, a ampla côma
Em cachos o semblante lhe adornava;
Os seus olhos do azul do céu de Roma
Occultavam no fundo ardente lava.
Da bôca purpurina o suave aroma
As fallas que dizia perfumava;
E até no brando leito adormecida
Sorria, em castos sonhos embebida.

Ora um pallido moço, que defronte
Morava, e não sahia da janella,
Inspirára (não sei como isto conte,
Que é grande o quadro para exigua tela)
Um puro e ardente amor á pomba insonte,
Que o viu captivo dos encantos d'ella;
E, sedentos, na mesma taça o gozo
Ja prelibabam de um porvir ditoso.

Altas horas, Arthur, o doce amante,
No jardim dos vizinhos penetrava
Por escada, que ás grades do mirante
Amalia com mão tremula amarrava.
Que arrolhar de pombinhos anhelante!
Que beijos prolongados não trocava,
Tempo esquecido, o par enamorado,
Só da lua serena comtemplado!

Leitora, na ridente primavera,
Quando á vida abre o calix a bonina,
Quantas vezes nos bosques de Cythéra
Não fez o mesmo que a gentil menina!
Não olhe pois, com face tão severa,
Os arroubos da candida heroina,
Que no furor da natureza em lucta,
Ficava Arthur vencido, ella impolluta.

Ora Onofre (é já tempo que da intriga
Eu junte os laços e componha a trama)
Vendo os heroes da narração antiga
Fazer proezas por formosa dama,
Para que exemplos de tal nome siga,
E alcance de um Romeu a eterna fama,
Decidiu no profundo do intellecto
Votar á prima o arrebatado affecto.

Portanto, n'uma tarde, ás horas quando
O sol afogueiado aos montes desce,
E nas frondes se acolhe o alado bando,
Deixado o greiro da espigada messe;
Aos pés de Amalia que, sorrindo brando,
Um ramo de boninas colhe e tece,
Cahindo de repente, em desalinho,
«Amo-te!» brada, tresandando a vinho.

Tal como o passarinho colorido
Ao ninho o vôo arranca apressurado,
Ouvindo perto o grito conhecido
Dos abutres de bico ensanguentado;
Tal a pallida moça, apercebido
O vate sobre a relva prosternado,
A correr parte, desprendida a trança,
E só, longe d'ali, pára e descansa.

Ergue-se o bardo, e, na postura antiga
Do Laocoonte que a serpente enlaça,
Arcado o peito na medonha briga,
O labio roxo, a luz dos olhos baça,
Tal berro sólta, que ao silencio obriga
As rãs coaxantes da marmórea taça;
E, qual rompe no campo um torvelim,
Rapido foge do fatal jardim.

II

—

D'este copo de vinho generoso
Dai-me que eu tire o alento que desejo,
Para que o novo canto, sonoroso,
Desfira na guitarra em doce arpejo;
E já que estou devéras amoroso,
Aproveito apressado um tal ensejo
Para erguer á leitora, que me escuta,
Um brinde que me deixe a taça enxuta.

Tres dias cogitou, accêso em ira,
Na traça de vingar-se o triste bardo,
Ora convulso, qual judeu na pyra,
Ora o quarto medindo a passo tardo.
Assim, na taba esquálida o caipyra,
Percusso o peito de inimigo dardo,
Ora em cólera os membros desconjunta,
Ora placido o golpe lava e unta.

Cançado, á quarta noite, de pensar,
Movido por contrarios pensamentos,
Como navio em procelloso mar
Entre escarceus e enfurecidos ventos,
Ás horas em que as sombras o luar
Alonga nos desertos pavimentos,
Pelas ruas se lança escandecido,
Soltando a espaços guttural rugido.

Quiz o fado levar-lhe o passo errante
Para os sitios da sua desventura,
Ás horas em que Amalia, palpitante,
Dava aos labios de Arthur a face pura.
N'um marco, do jardim pouco distante,
Onde um muro lançava a sombra escura,
Foi postar-se por fim, quêdo e sombrio
Como velho reptil no inverno frio.

De repente um murmúrio receoso
De beijos e de vozes abafadas
Fez surgir do lethargo doloroso
O cantor das horrificas balladas,
Que estendendo, espantado, o corpo ossoso
Na direcção das fallas arroubadas,
Na postura ficou do antigo esphynge,
Como na tela o desenhista o finge.

Até que vendo um homem que descia
Por escada pendente na muralha,
Assim como á carocha luzidia,
De bico aberto, se arremessa a gralha;
Ou tal como ao viajor na esconsa via
O bandido, que puxa da navalha,
Tal se arremessa ao brando Arthur, de chofre
O desdenhado e furibundo Onofre.

E com voz que retumba nos recantos:
«Tu foste polluir (diz insoffrido)
Uma familia honrada, manes santos,
Aquella a quem votei amor ardido.
Abusaste dos intimos quebrantos
De um peito casto, de paixões despido:
Has de morder o pó, D. João Tenorio,
Nem mais rirás do trovador simplorio!

«Ouve, pois: amanhã, á luz da lua,
Quando nas torres meia-noite dér,
Aqui nos bateremos n'esta rua,
Cada qual com as armas que tiver.
A minha vida acabe, ou pague a tua
A honra d'essa lúbrica mulher,
Ficando assim n'um bárathro sepulto
O segredo do opprobrio e mais o insulto!»

E dizendo esta longa lenga-lenga,
Que lêra n'um romance de Féval,
Lá parte o vingador da solarenga,
Erguida a fronte, e o passo theatral.
Ouvindo aquella falla bordalenga,
Declamada em tom cavo e sepulchral,
Ficou-se Arthur inerte e estupefacto,
Deixando ir em socego o mentecapto.

Mas temendo que o lance inesperado
Não sotterrasse Amalia no mirante,
Precípite se lança, arrebatado,
Pela escada, que pende vacillante.
Tal como branca pomba, a quem varado
O peito foi por caçador errante,
Assim no mármor frio esmorecida
Cahira a virgem, de terror vencida.

Mas em breve, com beijos fervorosos,
Á vida a chama Arthur.—«Não temas, filha,
(Diz animando-a) os impetos fogosos,
As ameaças do poeta mancenilha.
Não me peças com olhos lacrymosos
Que falte ao prélio: esse pedido humilha.
Quero que vejas, de um logar occulto,
N'um lastimoso transe o bardo estulto.»

Ouvindo este dizer do lindo amante,
Sorriu-se entristecida a desgraçada,
Que deixava no livido semblante
Ver a lucta em seu animo travada.
Mas como já das partes do levante
Alvorecesse a luz da madrugada,
Como os amantes da tragedia ingleza,
O' adeus disseram de lethal tristeza.

IV

—

Eis-me chegado ao transe lamentoso,
Ao quadro mais sombrio deste conto.
A leitora, num pranto doloroso,
Mal chegará ao derradeiro ponto!
Entanto ao Helicónio harmonioso
Sobre o alígero Pégaso remonto,
Seguindo a prisca usança, que a moderna
A Pindos antepõe qualquer taberna.

Batêra n'um distante campanario
Ha muito meia-noite, hora fatal
Em que o vampiro, envolto no sudario,
Deixa funesto o leito sepulchral,
Quando á esquina do bêco solitario,
Assomou, como em drama theatral,
Um vulto assustador, que do negrume
Despedia clarões, qual vagalume.

Era Onofre, eil-o ahi! Como na tela
Pintar o bardo na armadura antiga
Com que espantados, o rival e a bella,
Surgir o viram, preparado á briga!
Um êlmo sem viseira; uma rodella;
Um velho corsolete; uma loriga;
Escarcellas nas côxas; joelheiras;
Umas grêvas de ferro ou caneleiras;

Na dextra,que a manopla enferruja da
Recobre, afivelando-se ao braçal,
Uma vetusta e carcomida espada,
Nas dimensões á de Rolando egual:
Acha d'armas, ás costas pendurada,
E no sovaco um luzidor punhal,
O exterior lhe davam, triste e ardêgo,
De D. Quixote, o campeador manchego.

Offegante do riso, que a figura
De Onofre lhe causára, o prélio enceta
Arthur, que desde logo só procura
Rir-se á custa do misero pateta.
Esperava, na treva densa e escura,
Quando o vate rompesse em linha recta,
Falsear-lhe o impulso, e arremessando-o a terra,
Dar fim, com pontapés, á scena e á guerra.

Mas a sorte fatal tinha ordenado
Que da lucta fosse outro o seguimento;
Na occasião, em que Arthur, fugindo ao lado,
Dava principio ao resolvido intento,
Onofre que, de braço retezado
Tinha a espada estendida, pouco attento,
Tropeça, e ao cahir o peito vara
Ao misero, que perde a vida cara.

Aos gritos lancinantes da mesquinha,
Da miseranda amante espavorida,
Corre em tropel a guarnição vizinha,
Hoste, na paz, feroz e destemida.
O chefe, arranca o alfange da bainha,
E sus! bradando aos seus, prende o homicida,
Que o acompanha, em lethargica modôrra,
Aos antros d'uma lôbrega masmorra.

Na tua dôr, Amalia, ai! poucos dias
Sobreviveste áquelle que adoravas!
Os labios, com que alegre lhe sorrias;
Os olhos, com que os olhos, lhe inflammavas,
Os cabellos de seda, em que prendias
As rosas, que depois no adeus lhe davas,
Em breve os recobriu a terra dura,
Lyrio esfolhado em turva noite escura!

O vôo ergueste á região superna,
Niobe em prantos nas desertas praias!
Nos braços do consorte a paz eterna
Gozas ditosa n'um jardim sem raias!
Feliz! — Embora á geração moderna,
Que adora o vicio e a sordidez nas saias,
Vás provocar a gargalhada franca
Que um amor puro do seu ventre arranca!

Na accusação do crime truculento
Pôde fugir Onofre ao cadafalso,
Graças á ideia e claro entendimento
De um orador, faminto do percalço:
Por mentecapto ao jury somnolento,
E era verdade o que julgava falso,
O fez passar n'uma oração profunda,
Que o vate lhe escrevêra em lingua bunda.

N'um hospital de doudos clausurado,
Os dias foi passando da existencia,
Tendo sido por fim alevantado
Rei supremo das turbas em demencia;
Já velho, cheio de honras, laureado,
Vencido por maléfica excrescencia,
Pio, exhalou o derradeiro alento
Nos abysmos do eterno firmamento.

Tal foi de Onofre o memoravel drama
Que em frouxos versos estampei na tela;
A heroe tão grande, nome eterno e fama
Dera um cantor de voz vibrante e bella.
Se eu porém conseguir de certa dama,
Em paga d'este conto, um riso d'ella,
Contente ficarei, que por tal paga
Petrarcha dera a lyra; o amor Gonzaga.

LYRA DE PANGLOSS

I

A UM RENEGADO

(Guilherme de Azevedo)

Vate, que odeias as brizas!
Não ceifes na seára alheia:
Já que sofraldas a Idéa,
Não requestes Cidalisas.

Prosa e verso têm balizas:
Tu na prosa és de mão cheia;
Explora portanto a veia
D'essas coisas que nos guisas.

Deixa-me o velho Collares,
E as brancas musas sem tosse,
E o palio dos meus cantares:

Respeita-me a lyra e a posse
D'estes assumptos vulgares:
Respeito ao doutor Pangloss!

II

A UMA RABEQUISTA

—

Que bellas sensações, que brando anceio
Produzes na platea enthusiasmada,
Quando te mostras, do tablado em meio,
Mulher, graciosa; e artista, sublimada!

Eu dera um litro do meu sangue azul,
(Oh meus avós, não fulmineis o hereje!)
Só por beijar-te, no chapim taful,
O pequenino pé, que orchestras rege!

Mas se vibras a corda gemedôra
Do violim, que um Apollo te afinára,
Não amâmos a dama encantadora,
Amâmos o talento, a artista rara.

Dá-nos um riso, mostra-nos a aurora;
Não somos os Romeus e tu a Julia:
Somos o sapo vil, que absorto adora
O sol que esplende na amplidão cerúlea.

III

POBRE MONARCHA

A Theophilo Braga

Nos bons tempos da fé, das crenças pias,
Tu que fôras ungido pelo Eterno,
Em loucas bacchanaes, Cesar moderno,
Feliz passavas da existencia os dias.

Hoje choras o tempo das orgias,
E repelles a taça do falerno!
É que ouves perto as legiões do inferno,
Os sangrentos chacaes das monarchias.

E tremes ante a plebe outróra escrava,
Ante essa arraia vil das classes nuas,
Que ao mundo velho a sepultura cava!

Oh rei! n'um tôrvo pélago fluctuas...
Que destino cruel! Bem te bastava
O triste mal das hemorrhoidas tuas!

IV

A UMA LOIRA DE DEZ ANNOS

—

Que face peregrina!
Que mimo e que frescura!
Tu és a miniatura
Da candida Rosina.

A deusa clandestina,
A mãe da formusura,
Não era assim tão pura,
Quando era pequenina.

Serás absintho ardente
Nos labios da poesia,
E lava incandescente!

Hoje, porém, Maria,
Nos meus tu és somente...
Um copo d'agua fria.

V

A AGUIA E O CORVO

O corvo é palrador, mórmente quando,
Ebrio de sangue impuro e de immundicias,
Digére com delicias
O repasto nefando.

Um dia, que subira, a muito custo,
A ramagem d'um plátano robusto,
Que se baloiça ao vento,

Uma aguia viu, que ao rez das mansas aguas
Procurava no concavo das fraguas
Dos filhos o sustento.

Sorriu-se ao ver-se em tal postura o crasso,
E medindo o talento a braça e a metro,
Eis que julga brandir na pata o sceptro
Da rainha do espaço.

E assim lhe falla em sua voz proterva:
«Tu, que julgaste dominar-me um dia,
Has de viver agora, humilde e serva,
Sob o imperio da minha tyrannia.»

Sorriu-se a aguia ouvindo-o; e n'um momento
Remontando ás alturas, sobre o estulto
Deixa cahir um jacto de excremento;
E d'est'arte vingando o parvo insulto,
Foi demandando o azul do firmamento.

VI

VÃO-SE OS DEUSES

A Camillc Castello Branco

O velho Satanaz da lenda obscura,
O deus omnipotente do peccado,
Foi-se ha muito da terra, aniquilado
Pelas affrontas d'uma sorte escura.

Já moribundo e triste, o sem ventura
Inda na bóssa d'um camêlo aguado
De cidade em cidade era mostrado
Á arraia ignobil que histriões procura.

E nem sequer um funebre «aqui jaz»
Hoje assignala, em monumento erguido,
As reliquias do pobre Satanaz!

Até contam que um sabio, muito lido,
Encontrando-lhe a ossada, em these audaz
Demonstrou que era o fossil... d'um marido!

VII

ANTIQUALHA DE L. DE VEGA

A PULGA

Espirito lascivo;
Mais, que amor, temerario e aventureiro;
Subtil átomo vivo;
No picar e na côr mostarda em greiro:
Detem-te em qualquer parte,
Que, se saltas, não posso retratar-te!

Como a noite defende
Teus dias contra dedos sem piedade,
Não fujas, leve duende:
Que em teus golpes, subtis por falsidade,
Como os ciumes feres,
Que picas e te vaes por onde queres.

Lá nessa zona adusta
O selvagem respeita a formosura,
(Que a formosura assusta);
Mas tu, cruel, inexoravel, dura,
Mais que turcas espadas
Campos de aljôfar cólmas de granadas.

Oh ponto indivisivel
Da gran circumferencia de teu dôno!
Arador invisivel,
Homicida frenetica do somno,
Que, se te vês culpada,
Vaes ganhando a fronteira desejada,

Que magestade acatas?
Que bella não assustas? que clausura
Que te não visse as patas?
Que solio, que modestia, que bravura
Não assaltas, não manchas?
Julgam-te prêsa, e eis-te nas ensanchas!

Corrido, um elephante
Á pulga disse: —« Oh grande natureza!
Ha quem de mim se espante!
De que me serve, dize, esta grandeza,
Se durmo nas montanhas,
E tu nas mais esplendidas bretanhas!

«Eu de herva me sustento,
E tu de sangue humano, alegre vinho:
Em terra, em mar, em vento
Vive todo o animal, só tu no arminho,
D'onde espreitas e notas
Do orbe terrestre as coisas mais ignotas!»—

Teve o animal criterio,
Pois nunca viu Colombo (comparando)
Num e n'outro hemispherio;
Inda mesmo que andasse navegando
Na magna hydrographia,
Que percorres com larga phantasia.

Se a penna, em breves traços,
Te descreve a opulencia, — em nossos dias
Que monarcha em seus paços
Divaga em mais extensas galerias?
Mas por justiça corres
Extremos lugubres: torcida morres.

Proeza foi de Alcides
As harpias frechar com mão valente;
Tu, pulga, que resides
No objecto do meu desejo ardente,
Não vás onde atrevida
Te roubem frechas de jasmins a vida!

Porém, pimenta viva,
Que surgiste das partes do Levante;
Pertinaz fugitiva,
Que tens a luz por belleguim constante;
Vespa, que sem temores,
Ociosa vagas entre o mel das flores;

Que jocunda vingança
O encontrar-te no roubo, e com transporte
Torcer-te a leve pança,
Para que expires da aprazivel morte
D'aquelles namorados
Que expiram retorcidos e esgottados!

Não andes sobre lizes
Pondo em neve purissima lunares;
Vê que pulga te dizes
Porque sóhes acabar entre pulgares,
Muito embora algum dia
Subjugasses de heroes a valentia!

Que nescio portentoso
Das fabulas não foi, no tempo d'oiro,
O deus libidinoso,
Transformando-se em chuva, em cysne, em toiro,
Pois se em ti se mudasse,
Que lynces não burlara face a face!

Cecilia está zangada,
Porque te fazes caçador sem medo
Onde a caça é vedada:
Livra-te, pulga, do punhal d'um dedo!
Mas oxalá que eu fosse
Quem se morrera em condição tão doce!

Pulga, a nós ambos falta
A ti meu ser humano, a mim teu fado:
Pica, repica, salta;
E se temes um fim desventurado,
Troquemos neste ensejo:
Eu serei pulga; tu serás desejo.

VIII

CANÇÃO DE BOHEMIOS

—

Oh vós, que do canto sois velhos freguezes,
Ouvi destas lyras o mélico emprêgo!
Nós somos as gêmas, os bifes inglezes,
Os paios das filhas do claro Mondêgo.

Sorri-nos a vida nos cálices cheios
Dos roixos falernos das parras da Beira;
Sorri-nos a Céres dos túmidos seios;
Sorri-nos dos bosques a Venus ligeira.

Nos méstos papyros da sciencia moderna
A droga se encontra que ao somno convida;
Queimêmol-os todos, que só na taberna
Os livros se encontram da sciencia da vida.

Ao vento os cabellos! por montes e valles
Corramos no passo das gregas chorêas!
Bachantes das praças, vibrae os cymbales!
Abri-nos as portas, gentis Galathêas!

IX

SCENA DE TABERNA

A Guimarães Fonseca

Vêde-os, além, no esconso, á luz mortiça
Do velho lampadario que vacilla!
No labio têm o insulto, e na pupilla
O raio ardente que as paixões atiça.

Vêde-os, que são rivaes! Fatal cubiça
Violenta os arrancou á paz tranquilla,
E no rude brigar, que os aniquila,
Ja tingem de vermelho o chão e a liça!

—«Acima o cangirão!»—com voz accesa
Diz o mais fero na tremenda lucta,
«Acima!»—e pousa-o enxuto sobre a mesa.

Mas, vendo sossobrar a massa bruta
Do insolente rival, dos vinhos prêsa,
—«Venci! diz vomitando; é minha a truta!»

X

CONSOLAÇÃO

A um poeta lyrico

Não succumbas assim. Á noite escura
Succede a luz da aurora e o sol radioso:
Suspende as magoas do violão choroso,
O lamento dos tristes sem ventura.

Limpa as fezes do calix da amargura,
E, com vinhos d'um pâmpano gostoso,
Ergue um brinde ao amante venturoso
Da mulher que adoravas com loucura.

Nem outra vez me digas que no mundo,
Ou na voragem das perdidas gentes,
Não ha soffrer maior, nem mais profundo.

A terra é o grande val dos descontentes!
Oh! se tu visses n'um festim jocundo
A magua d'um gastrónomo... sem dentes!

XI

O PHANTASMA

A um doutor Pedro

E vimos uma fórma horrenda e bruta
Surgir do lôdo vil com gesto iroso,
Como outróra, no cabo Tormentoso,
O velho Adamastor da barba hirsuta.

—«Quem és tu? eu lhe disse.—«Bardo, escuta,
(Bramiu com voz ingente e desdenhoso)
Eu sou no espaço infindo e luminoso
O verbo ideal da estupidez corrupta.

«Na terra sou Penêdo; e o mar violento,
O mar das sciencias vãs da humanidade,
Já quiz vencer-me, e foi baldado o intento!»

Disse. E ouvimos n'aquella obscuridade
O cantico d'um tremulo jumento:
—Era o preito da terra á Immensidade!

XII

A ALMA E O CORPO

A Gonçalves Crespo

Aquelle meu espirito opulento,
Que vivia na luz dos sònhos bellos,
Jaz ha muito nas ruinas dos castellos,
Que no ar edifica o pensamento.

Inda me lembro do fatal momento
D'esse morrer dos ultimos anhelos:
O côro soluçante dos Othellos
Na sombra erguia o merencorio accento.

Hoje, resta-me o corpo. O triste lance
Nem pôde destruir-lhe a mocidade,
Nem curval-o a preceitos de romance;

E caminha em tão doce obesidade,
Que dentro em pouco me verei no transe
De tomar ordens e fazer-me abbade.

INDICE

VINHO E FEL

I—Um rosto encantador, quasi moreno..... 3
II—«Oh deus fatal, que lá dos céus profundos .. 5
III—Quando ha pouco, entre sarças escondido.. 7
IV—Mal póde phantasiar-te a mente accesa.... 9
V—És minha, és minha, oh venturoso fado..... 11
VI—Oh ventura perdida, mal sonhada..... 13
VII—Hontem, de noite, já depois que a lua.... 15
VIII—Perdi toda a esperança de no mundo.... 17
IX—Uns dinheiros em cobre! Tristes sommas... 19
X—N'esta vida fatal, ai de quem pensa..... 21
XI—Que seria de mim, n'esta anciedade..... 23
XII—Não chores mais, honesta Messalina..... 25

XIII—Nunca do amor a resplendente chamma .. 27
XIV—Não me provoques mais. Esta brandura .. 29
XV—Eis-me livre, qual ave nos espaços..... 31
XVI—Foi-se o pallido inverno. O torvelinho ... 33
XVII—Hontem, no baile, por fatal desgraça.... 35
XVIII—Não te parece esta existencia clara.... 37
XIX—Feliz canario! os beijos que a vizinha.... 39
XX—De um monge na cogúla disfarçado..... 41
XXI—Aquella Roza branca, a flôr mais viva.... 43
XXII—Sob o influxo da negra phantasia 45
XXIII—A doce paz tranquilla e a segurança.... 47
XXIV—Ahi tens o peito nú, ahi tens a adaga... 49
XXV—O phantasma da minha desventura..... 51
XXVI—Não chores. Essa mórbida tristeza 53
XXVII—Ia o sol desmaiando no occidente..... 55
XXVIII—Não me illudem, mulher, o fingimento 57
XXIX—Que formosura esplendida! O propheta 59
XXX—Mulher, vejo-te nua, embora escondas... 61
XXXI—Mais um anno que finda! E nem ao menos 63
XXXII—És da raça dos Borgias. O amavio 65
XXXIII—Partiu! e nem sequer uma lembrança 67
XXXIV—Da primavera a luz vivificante..... 69

VIOLÃO NOCTURNO

I—Recordações..... 73
II—Rivaes..... 76

III—Conchita..... 97
IV—A Camena 81
V—Rimance 83
VI—Ballada 86
VII—Vinga-te 90
VIII—Scena campestre..... 93
IX—Amor funesto..... 95
X—Brinde secreto..... 100
XI—Nupcias..... 101
XII—Á beira-mar 104
XIII—Tudo escurece..... 106
XIV—Honesta 108
XV—Lagrymas de crocodilo 110
XVI—Tempestades 113
XVII—Ultimo adeus..... 116

ONOFRE

I..... 121
II..... 126
III..... 131
IV..... 136

LYRA DE PANGLOSS

I—A um renegado..... 143
II—A uma rabequista..... 145

III—Pobre monarcha 147
IV—A uma loira de dez annos..... 149
V—A aguia e o corvo..... 151
VI—Vão-se os deuses 153
VII—Antiqualha de Lope de Vega..... 155
VIII—Canção de bohemios 160
IX—Scena de taberna 162
X—Consolação..... 164
XI—O phantasma..... 166
XII—A alma e o corpo..... 168